
RELAÇÃO ENTRE A COMPETÊNCIA MOTORA PERCEBIDA GERAL, O GÊNERO, A COMPETÊNCIA MOTORA PERCEBIDA ESPECÍFICA À TAREFA E A COMPETÊNCIA MOTORA REAL DE CRIANÇAS

THE RELATIONSHIP BETWEEN GENERAL PERCEIVED MOTOR COMPETENCE, PERCEIVED COMPETENCE RELATIVE TO MOTOR SKILL AND ACTUAL MOTOR COMPETENCE IN CHILDREN

Glauber Carvalho Nobre¹, Paulo Felipe Ribeiro Bandeira¹ e Nadia Cristina Valentini¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Brasil.

RESUMO

O Objetivo deste estudo foi investigar as relações entre a competência motora percebida geral (CMPG), a competência motora específica à tarefa (CMPET), a competência motora real (CMR), e o gênero de crianças. Participaram do estudo 75 crianças, de ambos os gêneros, com nove e dez anos de idades. A CMPG foi avaliada pela “*Self-Perception Profile for Children*”. Uma escala desenvolvida pelos autores e preliminarmente validada foi utilizada para avaliação da CMPET. A CMR foi avaliada pelo *Test of Gross Motor Development – 2*. Os resultados indicam que independentemente do gênero, a maioria das crianças, percebeu-se moderadamente competente e reportou realizar as habilidades motoras com pouca ou sem dificuldade. As correlações foram fracas e não significativas entre a CMPG, a CMPET e a CMR na maioria das habilidades. Conclui-se que: não houve relação entre a maneira pela qual a criança avalia e a sua própria competência motora na maioria das habilidades em ambos os gêneros. Possivelmente crianças se utilizam de outros parâmetros, sem considerar a própria proficiência em habilidades motoras fundamentais para julgar suas competências.

Palavras-chave: Percepção. Habilidades motoras. Crianças.

ABSTRACT

The aim was to investigate the relationship among the general perceived motor competence (GPMC), the perceived competence relative to tasks (PCRT), the actual motor competence (AMC), and the gender in children. Seventy-five children, boys and girls, aged between 9 and 10 years, participated in the study. The GPMC was assessed using the *Self-Perception Profile for Children*. We used a scale developed by the authors for this study, preliminarily validated, to assess the PCRT. The AMC was assessed by the *Test of Gross Motor Development – 2*. The results showed children perceived themselves as moderately competent and reported their own motor competence relative to motor skill as “little or no difficulty”. The correlations were weak and not significant between GPMC, PCRT and AMC for the majority of the skills. In conclusion, there was not relationship between the ways in which the children evaluate their own motor competence in the majority of the skills, for boys and girls. Children most likely use other parameters, without considering their own proficiency in fundamental motor skills to assess their competencies.

KeyWords: Children. Perceived competence. Motor skills

Introdução

A competência percebida é compreendida como os atributos e características próprias que são conscientemente reconhecidas pelo indivíduo por meio da linguagem¹⁻³. Este importante aspecto psicológico tem sido foco de estudos em diversas áreas do comportamento humano^{4,5}. No contexto de prática motora, a competência percebida é um mediador da motivação para a aprendizagem de habilidades motoras e permanência em atividades físicas ao longo da vida^{6,7}.

Pesquisas têm investigado como esta variável psicológica está associada a maestria em habilidades motoras fundamentais na infância^{4,8-10}. Para tanto, os estudos frequentemente utilizam escalas de medida de competência percebida geral ou específica a tarefa. As medidas

de competência motora percebida geral como a “*Self Perception Profile for Children*”¹¹, a “*Pictorial Scale for Perceived Competence and Social Acceptance for Young Children*”¹¹, “*New General Self-efficacy Scale*”¹²; “*Generalized Self-efficacy Scale*”¹³, “*Source of Competence Information Scale – SCIS*”¹⁴, “*Perceived Efficacy and Goal Setting in Young Children*”¹⁵ incluem questões sobre o que as crianças sentem sobre serem proficientes ou não quando praticam esportes; sobre a competência na realização de novas atividades esportivas; sobre se preferem jogar ou assistir aos jogos^{3,16}. Portanto, essas medidas utilizam escalas que possibilitam a criança realizar um auto relato da sua proficiência nos esportes e na capacidade atlética em geral^{3,16}.

As medidas específicas à tarefa incluem o julgamento da criança sobre a própria capacidade de realizar ou não tarefas motoras específicas como alcançar com a mão¹⁷ ou com o pé¹⁸ um determinado objeto; ser capaz de saltar uma determinada distância¹⁸⁻²⁰ ou mesmo reportar a própria competência em executar habilidades motoras fundamentais de locomoção e controle de objetos²¹. Normalmente nessas medidas específicas, os resultados são expressos em termos de precisão ou percentual de erro na percepção da tarefa, considerando-se como parâmetro a própria competência demonstrada pela criança^{5,17}; confrontando a estimativa da criança a própria execução destas.

Independentemente da escala utilizada, pesquisas investigam a relação entre a competência motora percebida e a real em crianças destacando a importância destes constructos ao longo da infância^{9,10,17,21,22}. Entretanto, observa-se uma inconsistência nos resultados até o momento reportados na literatura, muitas vezes propiciando suporte as estas relações entre desempenho motor e competência real e percebida de crianças^{9,10,21,23,24}, e em outros momentos questionando esta relação^{17,22}. A falta desta relação tem sido atribuída a pouca especificidade das escalas de auto percepções de crianças; em geral, mensura-se a competência motora real em habilidades de locomoção e controle de objetos em relação as percepções de tarefas motoras do cotidiano da criança, como por exemplo pular cordas e pendurar-se em barras no playground. Esta falta de especificidade em acessar percepções de crianças repercute em relações fragilizadas com a competência motora^{17,22}. Outra explicação plausível decorre da falta de parâmetros das crianças mais jovens para jugarem suas competências de maneira realista²², e da provável inabilidade de diferenciar a própria competência em diferentes tipos de habilidades motoras, como de locomoção e controle de objetos^{10,21}.

No que diz respeito ao gênero, meninos frequentemente têm mostrado maior competência motora real em diferentes habilidades motoras^{9,21,25,26}, bem como maior competência percebida em relação a atividades motoras e esportivas^{9,27} quando comparados as meninas. Embora o gênero manifeste-se como um mediador da forma que meninos e meninas julgam as suas próprias competências, a sua influência e capacidade preditiva têm sido pouco investigada na literatura. Um dos poucos estudos reportados na literatura sugere que o gênero masculino explica em parte a variabilidade na competência em habilidades de controle de objeto²¹. Até o presente momento não foram investigadas essas relações em habilidades de locomoção e as análises não consideraram a competência percebida específica à tarefa. Pesquisas são necessárias para melhor esclarecer a relação entre essas variáveis considerando a especificidade de tarefas motoras e o gênero das crianças.

Nesta perspectiva, o objetivo deste estudo foi investigar as relações entre a competência motora percebida geral (CMPG), a competência motora específica à tarefa (CMPET), a competência motora real (CMR), e o gênero de crianças. Decorrente das dificuldade que crianças têm em reconhecer parâmetros adequados para o autojulgamento de suas competências, a hipótese assumida no presente estudo é de que, independentemente do

gênero, as crianças seriam imprecisas quanto as percepções de competência gerais e específicas em tarefas motoras.

Materiais e métodos

Participantes do estudo

Participaram deste estudo associativo, 75 crianças de forma voluntária, (55 meninas e 20 meninos) com idades entre nove e dez anos ($9,2 \pm 0,68$ anos) oriundos de escolas da rede municipal de ensino do de Juazeiro do Norte – CE. As crianças foram selecionadas de forma intencional considerando os seguintes critérios de inclusão: estarem frequentando a escola; não apresentar distúrbios neurológicos ou limitações físicas reportadas pelos pais, professores e/ou assistentes psicopedagógicos e de saúde das escolas, que impossibilitassem a execução dos testes motores e auto avaliação da competência percebida; As crianças são residentes de dois bairros localizados na zona urbana periférica da cidade e de nível sócio econômico baixo (renda familiar até dois salários mínimos e atendidas por projeto social governamental). As crianças não participavam de aulas de educação física no currículo escolar e participavam de um programa governamental de cunho social esportivo oferecido para famílias de baixa renda, com frequência de duas vezes na semana e duração média de duas horas por sessão. Esse programa priorizava atividades pré-desportivas do handebol para as meninas e futsal para os meninos.

Instrumentos

Para avaliar a competência motora percebida geral das crianças foi utilizada “*Self-Perception Profile for Children*” (SPPC)¹, validada para utilização com crianças brasileiras por Valentini¹⁶. A versão brasileira (escala de auto percepção para crianças - EAPC) apresentou coeficientes de validade de conteúdo dentro dos valores aceitáveis considerando os critérios clareza (0,68 a 0,91) e pertinência (0,86 a 0,89) para as seis dimensões do instrumento e para o escore total da escala. Os resultados de correlação entre os escores do teste-reteste (fidedignidade) foram significativos e variaram de $r=0,83$ a $r=0,54$. A análise fatorial confirmatória apresentou índices satisfatórios para a amostra geral ($\chi^2/g.l = 4,33$; *Non-normed Fit Index* = 0,958; *Comparative fit index* = 0,967 e *Tucker e Lewi’s index of fit* = 0,962), para o gênero masculino ($\chi^2/g.l = 3,00$; *Non normed fit Index* = 0,942; *Comparative fit index* = 0,960 e *Tucker e Lewi’s index of fit* = 0,954) e para o feminino ($\chi^2/g.l = 3,01$; *Non normed fit Index* = 0,943; *Comparative fit index* = 0,961 e *Tucker e Lewi’s index of fit* = 0,955). A EAPC, portanto, mostrou-se válida para avaliar a CMGP de crianças¹⁶. O instrumento contém seis subescalas (que podem ser usadas separadamente) em cinco domínios específicos de competência: competência cognitiva, aceitação social, competência motora, aparência física, conduta comportamental, além do autoconceito global. Cada subescala do *Self Perception Profile for Children* contém seis questões, constituindo o total de 36 questões, organizadas em estrutura de respostas alternativas de escala do tipo *Likert* de 1 a 4 pontos. Nesse estudo foram utilizadas as seis questões referentes à subescala de competência motora.

Para avaliação da competência motora percebida específica a tarefa utilizou-se uma escala preliminar idealizada pelos autores da pesquisa, composta por 12 itens referentes às habilidades locomotoras (corrida, galope, salto com um pé, passada, salto horizontal, corrida lateral) e controle de objetos (rebatida, quicar, agarrar, chutar, rolar e arremessar), portanto fundamentadas nas habilidades motoras avaliadas pelo *Test of Gross Motor Development*². A escala foi organizada em estrutura de respostas alternativas do tipo *Likert* de 0 a 3 pontos em

que 0 – não consigo fazer; 1 – faço com muita dificuldade; 2 – faço com pouca dificuldade e 3 – faço sem dificuldade alguma.

A escala foi submetida a um processo de validade de conteúdo (face e consistência interna) para ser utilizada na presente pesquisa. Esta validação envolveu um painel de experts formado por três professores doutores na área de desenvolvimento motor. A partir de uma escala likert de 5 pontos, os experts avaliaram individualmente a clareza de linguagem e a pertinência de todos os itens do instrumento²⁷. Os coeficientes de validade de conteúdo mostraram altos índices de clareza de linguagem com os escores variando entre 96,2 e 98,4%). Em relação a pertinência, os itens também mostraram valores elevados (94,1 a 98,3%). Os coeficientes de concordância Kappa foram altos e significativos (Expert 1 X Expert 2: 0,88 $p < 0.001$; Expert 1 X Expert 3: 0,91 $p < 0.001$; Expert 2 X Expert 3: 0,87 $p < 0.001$; Expert 1 X Expert 2 X Expert 3: 0,91 $p < 0.001$). Também foi avaliada a consistência interna da escala através do alpha para dados ordinais baseado em correlações policóricas. Foram avaliadas a consistência interna dos itens totais, os itens referentes a dimensão de locomoção e a de controle de objetos. Elevados índices de consistência interna para a dimensão de controle de objetos ($\alpha = 0.9$) e para a escala total ($\alpha = 0.88$) foram observados. O índice para a dimensão de locomoção foi aceitável ($\alpha = 0.70$). Estes índices permitiram o uso desta escala no presente estudo.

A competência motora real das crianças foi avaliada por meio do *Test of Gross Motor Development, second edition* - TGMD-2², validado para a população brasileira por Valentini (2012). A versão brasileira do TGMD-2 apresentou alta concordância para clareza de linguagem (maiores que 0,96) e pertinência (maiores que 0,89). Sobre de validade de conteúdo, esta também apresentou altos índices de clareza ($\alpha = 0,93$) e pertinência ($\alpha = 0,91$) na avaliação dos juízes. As correlações teste reteste mostraram-se fortes, positivas e significativas para o subteste de locomoção ($r = 0,90$, $p < 0,001$) e de controle de objetos ($r = 0,83$, $p < 0,001$). As correlações em todas as tarefas motoras foram moderadas a fortes, positivas e significativas ($r = 0,51$ a $0,92$, $p < 0,001$). Foram observados apropriados índices de validade fatorial confirmatória (*root mean square error of approximation* = 0,06; *comparative fit index* = 0,88; *Tucker-Lewis index* = 0,83; *normed fit index* = 0,09; *goodness-of-fit index* = 0,98; *adjusted goodness-of-fit index* = 0,95). Portanto, o TGDM-2 é um instrumento válido e confiável para avaliação do desempenho motor de crianças brasileiras. Esta bateria avalia 12 habilidades motoras amplas, sendo seis na dimensão “controle de objetos” a qual compreende as tarefas de rebater, quicar, arremesso, rolar, chutar e receber e seis na dimensão “locomoção” que contempla a avaliação das habilidades de correr, salto horizontal, galope, salto com um pé, corrida lateralmente e passada^{2,28}.

Procedimentos

O estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos (protocolo 19861). Fez-se contato com a Secretaria de Educação do município para consentimento e apoio em relação à implementação da pesquisa. Os gestores indicaram 25 escolas em que poderia ser implementada a pesquisa. Foi estabelecido contato com as escolas sugeridas e todas aceitaram participar do estudo. Duas escolas foram selecionadas utilizando-se dos seguintes critérios: 1) ter número elevado de crianças na faixa etária de oito a 10 anos matriculadas na escola; 2) estar localizada no perímetro urbano da cidade; 3) possuir e disponibilizar espaços físicos adequados para a aplicação dos testes motores (ginásio, quadra ou pátio aberto); 4) disponibilizar espaços físicos adequados para a aplicação das escalas de avaliação da competência percebida (sala fechada). Após o consentimento dos gestores das escolas, reuniões com pais e outros responsáveis pelas crianças foram realizadas com o intuito

de explicar os procedimentos a serem adotados na avaliação da competência percebida e dos testes motores. Apenas participaram aqueles escolares cujos pais ou responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A escala de competência motora percebida geral foi aplicada individualmente, em espaços destinados ao reforço escolar das crianças. Os avaliadores foram treinados para aplicação da EAPC e o tempo médio de aplicação foi de 20 minutos. Neste estudo, a competência motora percebida geral foi computada pela soma das pontuações das questões da subescala motora.

A escala de competência motora percebida específica à tarefa foi aplicada logo após a demonstração das habilidades motoras pelo avaliador e antes de as crianças executá-las. Esta indicava a própria competência motora percebida utilizando a escala do instrumento que variava entre “não consigo realizar” a “faço sem dificuldade alguma”. A competência motora específica à tarefa foi dada pela pontuação da escala likert de cada habilidade motora. Adicionalmente, foram calculados os escores da competência específica a locomoção e específica ao controle de objetos pelo somatório das pontuações da competência percebida das habilidades motoras respectivas às essas dimensões.

A Competência motora real das crianças foi avaliada nos próprios espaços de práticas motoras das escolas participantes. O TGDM-2 foi aplicado por avaliadores treinados e experientes. Cada avaliação durou em média 20 minutos e foi realizado com duas crianças alternadamente. Considerou-se para a competência motora real das crianças a pontuação do desempenho de cada habilidade do TGMD-2, assim como o somatório das pontuações das habilidades de locomoção e das habilidades de controle de objetos.

Análise estatística

Os dados foram descritos por meio de média, desvio padrão, frequência e percentual relativo. Correlações de *Spearman* foram empregadas para determinar a extensão e direção de relações lineares entre as variáveis assumindo que: $r=0$ “correlação nula”; $r<0.1$ “correlação muito fraca”; r entre 0,1 e 0,3 “fraca”; r entre 0,3 e 0,5 “moderada”; r entre 0,5 e 0,7 “forte”; r entre 0,7 e 0,9 “muito forte”²⁹. Análises de regressão linear múltipla foram conduzidas considerando como variável dependente a competência motora real e as independentes o gênero, a competência motora percebida geral, a competência específica a tarefa de locomoção e específica a de controle de objetos. O método *stepwise* foi utilizado. O nível de significância adotado foi de $\alpha \leq 0,05$. As análises foram realizadas no *Statistical Package for Social Science* (SPSS – v.21.0) e no software R (R Development Core Team, 2015; pacote “psych”)^{30,31}.

Resultados

Competência Motora real

As análises descritivas da competência motora real das crianças estão apresentadas na Tabela 1. Em relação a pontuação máxima a ser alcançada nas habilidades motoras, observou-se que nas meninas a passada e o receber e nos meninos o receber, o galope, a passada e o rolar foram as habilidades com média de pontuação mais próxima do máximo possível.

Tabela 1. Média e desvio padrão da competência motora real das crianças de acordo com os gêneros.

Habilidades	Locomoção			Controle de Objeto			
	Máx	Feminino	Masculino	Máx	Feminino	Masculino	
Corrida	8.0	4.8 (1.3)	3.7 (1.1)	Rebater	10.0	4.6 (1.3)	5.2 (0.8)
Galope	8.0	4.7 (1.5)	5 (0.7)	Quicar	8.0	4.1 (1.2)	4.5 (0.5)
Salto 1 pé	10.0	4.2 (1.5)	4.5 (0.8)	Receber	6.0	3.6 (0.6)	3.7 (0,4)
Passada	6.0	3.8 (0.7)	3.1 (0.7)	Chutar	8.0	4.4 (1.5)	4.2 (0,7)
Salto horizontal	8.0	3.9 (0.7)	4.1 (0,3)	Arremesso	8.0	4.7 (1.2)	3.7 (1.1)
Corrida lateral	8.0	4.1 (0.7)	4.7 (0.8)	Rolar	8.0	4.6 (0.7)	5 (0.7)

Legenda: * Máx: Máximo de pontos possíveis de serem atingidos

Fonte: Os autores

Competência motora percebida geral

Sobre a competência motora percebida geral, observou-se média de escore de 14,7+1,9 (12-19) pontos para os meninos e 12,5+3,2 (8-17) para as meninas. Em ambos os gêneros, a maioria das crianças reportou competência percebida geral em nível moderado (81,8% meninas e 50% meninos) a alto (18,2% meninas e 25% meninos).

Competência motora percebida específica à tarefa

Os resultados gerais sobre a categorização da competência motora percebida específica a tarefa de acordo com o gênero são apresentados na Tabela 2. A maioria das crianças indicou realizar “com pouca dificuldade” ou “sem dificuldade alguma” as habilidades motoras investigadas neste estudo. Nenhum menino reportou que não conseguiria realizar as habilidades motoras. 18,2% das meninas relataram não conseguiriam executar a habilidade do galope.

Relação entre a competência motora real, a competência motora percebida geral e competência motora específica à tarefa

As análises de correlação de *Spearman* entre a competência motora percebida geral, específica à tarefa e a competência motora real podem ser visualizadas na Tabela 3. Sobre a relação entre a competência motora percebida geral e a competência motora real, observou-se correlação significativa, fraca e positiva apenas na habilidade de arremessar ($r=.271$). As análises indicaram uma correlação significativa, moderada e negativa e ($-.322$ $p<.001$) entre a competência percebida e a competência real na corrida e uma correlação significativa, forte e negativa ($-.521$ $p<.001$) entre a competência percebida e a competência real no rolar.

Tabela 2. Descrição da competência motora percebida especifica a tarefa das crianças.

Habilidades	Locomoção								Controle de objetos								
	Feminino				Masculino				Feminino				Masculino				
	NF	FM	FP	FS	NF	FM	FP	FS		NF	FM	FP	FS	NF	FM	FP	FS
Corrida	-	10 (18,2)	30 (54,5)	15 (27,3)	-	10 (50)	10 (50)	-	Rebater	-	10 (18,2)	40 (72,7)	5 (9,1)	-	5 (25)	5 (25)	10 (50)
Galope	10 (18,2)	5 (9,1)	25 (45,5)	15 (27,3)	-	5 (25)	10 (50)	5 (25)	Quicar	5 (9,1)	5 (9,1)	10 (18,2)	35 (63,6)	-	-	5 (25)	15 (75)
Salto 1 pé	5 (9,1)	10 (18,2)	25 (45,5)	15 (27,3)	-	5 (25)	10 (50)	5 (25)	Receber	5 (9,1)	10 (18,2)	25 (4,5)	15 (27,3)	-	-	5 (25)	15 (75)
Passada	-	5 (9,1)	20 (36,4)	30 (54,5)	-	-	5 (25)	15 (75)	Chutar	-	5 (9,0)	25 (45,5)	25 (45,5)	-	-	5 (25)	15 (75)
Salto horizontal	-	10 (18,2)	40 (72,7)	5 (9,1)	-	-	15 (75)	5 (25)	Arremesso	-	15 (27,3)	20 (36,4)	20 (36,4)	-	-	5 (25)	15 (75)
Corrida lateral	5 (9,1)	5 (9,1)	15 (27,3)	30 (54,5)	-	-	5 (25)	15 (75)	Rolar	5 (9,1)	5 (9,1)	15 (27,3)	30 (54,5)	-	-	-	20 (100)

Legenda: NF - **n**ão consigo fazer; FM - faça **com muita** dificuldade; FP – faça **com pouca** dificuldade; FS – faça **sem** dificuldade alguma.

Fonte: Os autores

Tabela 3. Correlação entre a competência motora percebida geral, a específica a tarefa e a competência motora real nas habilidades de motoras fundamentais das crianças.

Competência motora Real	Percepção Corrida	Percepção Corrida lateral	Percepção Passada	Percepção Salto Horizontal	Percepção Salto c 1 pé	Percepção Galope	Percepção de competência motora global
Locomoção							
Corrida	-.322*	-	-	-	-	-	-.040
Corrida lateral	-	.096	-	-	-	-	.143
Passada	-	-	-.018	-	-	-	.157
Salto horizontal	-	-	-	.225	-	-	-.131
Salto 1 pé	-	-	-	-	-.096	-	0.45
Galope	-	-	-	-	-	0.65	-.087
Controle de objetos							
	Percepção Rebater	Percepção Quicar	Percepção Receber	Percepção Chutar	Percepção Arremessar	Percepção Rolar	
Rebater	.086	-	-	-	-	-	.051
Quicar	-	-.173	-	-	-	-	-.110
Receber	-	-	-.042	-	-	-	-.058
Chutar	-	-	-	-.069	-	-	-.168
Arremessar	-	-	-	-	-.262	-	.271*
Rolar	-	-	-	-	-	-.521*	.052

Legenda: *- correlação significativa a $p \leq 0.05$

Fonte: Os autores

As análises não reportaram correlações significativas entre a competência motora percebida específica à tarefa e competência motora real do escore de locomoção ($r=-.199$ $p=.613$) e de controle de objetos ($r=-.182$ $p=.234$). Correlações significativas não foram observadas entre a competência motora percebida geral e competência real da locomoção ($r=-.020$ $p=.527$) e do controle de objetos ($r=-.035$ $p=.864$). As análises de regressão linear múltipla não reportaram modelos significativos considerando o gênero ($\beta=-.120$ $p=0,344$), a competência motora percebida geral ($\beta=-.016$ $p=.900$), a competência motora percebida específica a locomoção ($\beta=-.187$ $p=.112$) e explicou apenas 5% da competência real da locomoção [$r^2=0.05$ $F=(3,74)= 1.312$ $p=.277$]. Do mesmo modo, as análises não indicaram modelos significativos com o gênero, ($\beta=.155$ $p=.391$), a competência motora percebida geral ($\beta=.079$ $p=.535$) e a competência motora percebida específica ao controle de objetos ($\beta=-.219$ $p=.081$) como explicativas da variação da competência motora real de controle de objetos [$r^2=.044$ $F=(3,74)= 1.100$ $p=.355$].

Discussão

O objetivo deste estudo foi investigar as relações entre a competência motora percebida geral (CMPG), a competência motora específica à tarefa (CMPET), a competência motora real (CMR), e o gênero de crianças. Neste estudo, verificou-se um maior percentual de crianças de ambos os gêneros com nível moderado de competência motora percebida geral. Esses resultados são similares aos de estudos prévios sobre a competência motora percebida específica a tarefa^{27,32}, grande parte das crianças indicou realizar a maioria das habilidades investigadas com pouca ou sem dificuldade alguma.

No presente estudo, não foram observadas correlações significativas entre a competência motora percebida geral e a competência motora real na maioria das habilidades investigadas. Apenas o arremesso indicou correlação significativa, porém fraca com esta variável. As análises também não indicaram associações significativas entre a competência percebida geral, o gênero e a pontuação da locomoção e do controle de objetos. Estudos prévios reportaram associações positivas e significativas entre a competência motora percebida geral e a competência motora real na locomoção, no controle de objetos¹⁰ e no escore motor geral^{9,10}. No entanto, os pesquisadores Gabbard, Caçola e Cordova¹⁷ não reportaram associações significativas entre a competência motora percebida geral e a competência real em uma tarefa específica de alcançar um objeto com a mão. Spessato et al.,²² também não reportaram associações significativas entre a competência motora percebida geral e a competência motora de crianças de ambos os gêneros.

Pesquisadores têm justificado a falta de relação entre essas variáveis pela pouca especificidade de escalas gerais de percepção (como a escala utilizada neste estudo desenvolvida por Harter e Pike em 1984)¹¹ e instrumentos que avaliem tarefas motoras amplas (como por exemplo o TGMD-2)^{17,22}. Essa escala possibilita à criança a avaliar a própria proficiência para praticar esportes; sobre a competência na realização de novas atividades esportivas^{2,16}, sem requerer, portanto, o autojulgamento em uma situação particular de desempenho. É possível que, independentemente do gênero, as crianças investigadas não reconheçam que o desempenho em atividades esportivas está relacionado ou depende também da proficiência em habilidades fundamentais como saltar, quicar, chutar, arremessar, por exemplo, e que essas são utilizadas em contextos de práticas esportivas. Ao julgar a competência motora em situações de atividades esportivas, em geral, as crianças do presente estudo podem não compreender que esta depende também do desempenho em habilidades

motoras; ou elas podem não ter utilizado como parâmetro para auto avaliação a própria proficiência nas habilidades investigadas.

A competência motora percebida específica à tarefa também não apresentou relação significativa com a competência real na maioria das habilidades motoras investigadas. Duas habilidades (correr e rolar) indicaram associações significativas, porém negativas. Não houve relação entre a competência motora real, o gênero e competência percebida específica no escore de locomoção e de controle de objetos. Contrário a esses resultados, Barnett, Ridgers e Salmon²¹ reportaram, em crianças mais jovens, associações positivas entre a competência percebida e real na dimensão de controle de objetos. No presente estudo, estabeleceu-se como hipótese de que independentemente do gênero, crianças seriam imprecisas quanto as percepções de competência gerais e específicas em tarefas motoras. A imprecisão decorre das dificuldades em reconhecer a sua própria proficiência motora ou a falta dela como parâmetros para o autojulgamento, uma vez que carecem de experiências prévias e não são expostas a programas que propiciam feedback adequado de desempenho³³. Embora esses aspectos não tenham sido mensurados, possivelmente meninos e meninas utilizaram parâmetros mais relacionados ao resultado do movimento, as suas experiências motoras como, por exemplo, atingir a linhas de marcação nas tarefas de deslocamento, apenas quicar ou segurar a bola, acertar a bola na rebatida ou chute, para avaliar o próprio desempenho nas habilidades motoras, sem, portanto, considerar o padrão ou forma do movimento. Essa limitação das crianças na utilização de referenciais para realizarem julgamentos sobre suas próprias competências pode ser decorrente da pouca experiência em atividades motoras apropriadas³¹. A participação em contextos que ofereçam práticas motoras adequadas auxilia as crianças a compreenderem, construir e utilizarem parâmetros mais diversificados para avaliarem suas competências nos esportes, nos jogos, nas atividades de lazer ativo.

A relevância deste estudo foi investigar as relações entre o desempenho motor e a competência percebida e real em habilidades motoras de crianças considerando as também possíveis associações com o gênero. A descrição dos contextos de práticas motoras e as fontes de informações (adultos, experiências prévias, pares) utilizadas pelas crianças como parâmetros para a avaliação de suas próprias competências não foram investigadas e são assumidas como limitações no presente estudo.

Conclusão

A maioria das crianças investigadas reportou competência percebida geral em nível moderado a alto. Elas se perceberam competentes na realização da maioria das tarefas motoras investigadas. Os resultados observados no presente estudo sugerem que na maioria das habilidades motoras investigadas não houve relação entre a maneira pela qual a criança se avalia (geral ou específica à tarefa) e a sua competência real em ambos os gêneros. Elas possivelmente utilizam outros parâmetros para avaliar a competência real, como o produto da ação motora, (correr até o local indicado, acertar a bola na rebatida, conseguir chutar a bola em direção ao gol) sem, portanto, considerar a própria proficiência em habilidades motoras fundamentais (aspectos mais qualitativos do movimento).

A participação em práticas motoras adequadas auxiliaria essas crianças a construir e utilizarem parâmetros mais diversificados para avaliar a própria competência motora geral e específica à tarefa. Isso é particularmente importante visto que a competência motora percebida se configura com um dos fatores mais significativos para a permanência em práticas motoras e mantém uma relação importante com a autoestima e o autoconceito. Professores de educação física, entre outros profissionais, devem considerar a implementação de estratégias

que auxiliem a criança na construção de uma competência percebida baseada em uma maior diversidade possível de parâmetros. Ao utilizar parâmetros mais diversos, as crianças podem avaliar a si próprias de forma mais clara, realista e competente. Sugere-se, em estudos futuros, a análise da instrução e *feedback* dos professores e a organização das práticas motoras como elementos que influenciam a construção da competência percebida geral e específica à tarefa.

Agradecimentos: Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio a pesquisa realizada através da concessão de bolsa de Pós Graduação.

Referências

1. Ulrich DA. Test of Gross Development, 2nd edition: Examiner's Manual. 2. ed. Austin: PRO-ED; 2000.
2. Harter S. Self-perception profile for children: manual and questionnaires (grades 3 – 8). Denver: University of Denver, Department of Psychology; 2012.
3. Harter S. The Perceived Competence Scale for Children. *Chil Dev* 1982;53:87–97.
4. Piek JP, Baynam GB, Barrett NC. The relationship between fine and gross motor ability, self-perceptions and self-worth in children and adolescents. *Hum Mov Sci* 2006;25(1):65–75.
5. Johnson DC, Wade MG. Children at risk for developmental coordination disorder: Judgement of changes in action capabilities. *Dev Med Child Neurol* 2009;51(5):397–403.
6. Barnett LM, Van Beurden E, Morgan PJ, Brooks LO, Beard JR. Does Childhood Motor Skill Proficiency Predict Adolescent Fitness? *Med Sci Sport Exerc* 2008;40(12):2137–44.
7. Valentini NC, Rudisill ME. An inclusive mastery climate intervention and the motor skill development of children with and without disabilities. *Adapt Phys Act Q* 2004;21(4):330–47.
8. Robinson LE, Goodway JD. Instructional Climates in Preschool Children Who Are At-Risk. Part I. *Res Q Exerc Sport* 2009;80(3):533–42.
9. Villwock G, Valentini NC. Percepção de competência atlética, orientação motivacional e competência motora em crianças de escolas públicas: estudo desenvolvimentista e correlacional. *Rev Bras Educ Fís e Esporte* 2007;21(4):245–57.
10. Robinson LE. The relationship between perceived physical competence and fundamental motor skills in preschool children. *Child Care Health Dev* 2011;37(4):589–96.
11. Harter S, Pike R. The Pictorial Scale of Perceived Competence and Social Acceptance for Young Children. *Chil Dev* 1984;55(6):1969–82.
12. Chen G, Gully SM, Eden D. Validation of a New General Self-Efficacy Scale. *Organ Res Methods* 2001;4(1):62–83.
13. Schwarzer R, Jerusalem M. Generalized Self-Efficacy scale. In: Weinman J, Wright S, Johnston M, editors. *Measures in health psychology: A user's portfolio Causal and control beliefs*. Windsor: NFER-NELSON; 1995, p. 35-37.
14. Horn TS, Amorose AJ. Sources of competence information. In: Duda JL, organizador. *Advancements in sport and exercise psychology measurement*. Morgantown: Fitness Information Technology; 1998, p. 39-63.

15. Missiuna C, Pollock N. Perceived efficacy and goal setting in young children. *Can J Occup Ther* 2000;67(2):101–9.
16. Valentini NC, Villwock G, Fiorese L, Luiz J, Vieira L, Levi M, et al. Brazilian Validity of the Harter' Self-perception Profile for Children. *Psicol Reflex Crít* 2010;23(3):411–9.
17. Gabbard C, Caçola P, Cordova A. Is perceived motor competence a constraint in children's action planning? *J Genet Psychol* 2009;170(2):151–8.
18. O'Grady EL, Pangelian MM, Clark JE. *The Relationship Between Self-Perceived Motor Capabilities and Actual Movement in Children Ages Five to Twelve*. University of Maryland; 2008.
19. Block ME. Developmental trends in perceiving affordances: A preliminary investigation of jumping. In: Clark JE, Humprey JH, editors. *Development: Research and Reviews*. Reston: NASPE; 2002. p.142-162.
20. Rochat P. Perceived reachability for self and for others by 3- to 5-year-old children and adults. *J Exp Child Psychol* 1995;59(2):317–33.
21. Barnett LM, Ridgers ND, Salmon J. Associations between young children's perceived and actual ball skill competence and physical activity. *J Sci Med Sport* 2015;18(2):167–71.
22. Spessato BC, Gabbard C, Robinson L, Valentini NC. Body mass index, perceived and actual physical competence: The relationship among young children. *Child Care Health Dev* 2013;39(6):845–50.
23. Weiss MR, Amorose a. J. Children's self-perceptions in the physical domain: Between- and within-age variability in level, accuracy, and sources of perceived competence. *J Sport Exerc Psychol* 2005;27:226–44.
24. Fliers EA, de Hoog MLA, Franke B, Faraone S V, Rommelse NNJ, Buitelaar JK, et al. Actual Motor Performance and Self-Perceived Motor Competence in Children With Attention-Deficit Hyperactivity Disorder Compared With Healthy Siblings and Peers. *J Dev Behav Pediatr* 2010;31(1):35-40.
25. Valentini NC, Coutinho MC, Pansera SM, Santos VAP dos, Vieira JLL, Ramalho MH, et al. Prevalence of motor deficits and developmental coordination disorders in children from South Brazil. *Rev Paul Pediatr* 2012;30(3):377–384.
26. Spessato BC, Gabbard C, Valentini N, Rudisill M. Gender differences in Brazilian children's fundamental movement skill performance. *Early Child Dev Care* 2013;183(7):916–923.
27. Almeida G De, Valentini NCNC, Berleze A. Percepções de Competência : Um Estudo com Crianças e Adolescentes do Ensino Fundamental. *Movimento* 2009;15(1):71-79.
28. Neuendorf KA. *The Content Analysis Guidebook*. Chigaco: Sage; 2002.
29. Valentini NC. Validity and Reliability of the TGMD-2 for Brazilian Children. *J Mot Behav* 2012;44(4):275-280.
30. Hinkle DE, Wiersma W, Jurs SG. *Applied Statistics for the Behavioral Sciences*. 5. ed. Boston: Wadsworth Publishing; 2002.
31. Revelle, W. Using the psych package to generate and test structural models. Package, p. 1–45, 2011.
32. Souza MC, Berleze A, Valentini NC. Efeitos de um programa de educação pelo esporte no domínio das habilidades motoras fundamentais e especializadas: ênfase na dança. *Rev Educ Fís/UEM* 2008;19(4):509-519.

33. Valentini NC, Rudisill ME. Goal orientation and mastery climate: a review of contemporary research and insights to intervention. *Estud Psicol* 2006;23(2):159-172.

Recebido em 04/02/2016.

Revisado em 02/04/2016.

Aceito em 03/08/2016.

Endereço para correspondência: Glauber Carvalho Nobre – Rua José Marrocos, 255 Salesianos – Juazeiro do Norte – CE
CEP: 63050-245. E-mail: glauber_nobre@hotmail.com